

Construir pessoas, em família

PAULO ABREU

São inúmeros os pronunciamentos da Igreja sobre a família, como inúmeras são as preocupações que essa célula básica da sociedade levanta.

Ainda não há muito, esses pronunciamentos eclesiais apareceram agrupados em quatro volumes (edição da Rei dos Livros), sugestivamente intitulados: *A Família serviço à vida*; *A Família comunidade de amor e de vida*; *A família futuro da humanidade*; *A família: situações difíceis*.

Repetir o que nesses documentos se diz seria certamente enfadonho. Por isso, tentarei nestas linhas partilhar outro tipo de considerações e leituras (menos magisteriais). Partilharei igualmente um pouco de mim próprio, ou seja, o texto estará eivado das minhas próprias convicções. Movo-me, portanto, no terreno do opinável – a dividir ou a contestar – e não no solo firme do dogma.

Focarei, em primeiro lugar, as componentes que reputo indispensáveis em qualquer casal; versarei depois a família como grande espaço de sociabilidade; versarei os endereços que a educação deve ter; falarei, por fim, do desenvolvimento integral da pessoa humana e do que isso – em meu entender – implica ¹.

1. Proferi esta conferência, a convite da Casa do Professor, no Auditório da Faculdade de Filosofia, no âmbito das Jornadas de Outono, no dia 24 de Outubro de 2001. Mantenho o texto tal e qual o escrevi. A pobreza do chamado «aparato crítico» ou a não utilização de uma linguagem «científica» será compensada – assim o espero – pela familiaridade e simplicidade do pensamento que se partilha.

1. As lições do «Génesis»

Confesso a minha dificuldade em entendê-lo, ao homem, naquela descrição do livro do Génesis, o primeiro da Bíblia, estranhamente chamado para aqui.

Tudo é novo. Criam-se os céus, o sol, a lua, as nuvens, não sei se as chuvas, as tempestades... E enquanto o firmamento se pinta de azul e se deixa cravejar de luz, o homem parece ausente...

A terra vem depois. Com os mares, os rios, as árvores, as plantas, também os animais. E aí, bem, o homem começa a aparecer. O autor da criação encarrega-o de dar nome aos animais que diante dele faz desfilar.

Dar nome, etiquetar, catalogar... operação própria de quem tem domínio sobre, de quem manda, de quem coordena, de quem pode dispor, de quem gere papéis, coisas, contas, ficheiros, pastas, arquivos, documentos...

Mas eis que o criador, da costela do homem – estamos sempre na rota desse estranho livro que é o livro do Génesis – da costela do homem, dizíamos, forma a mulher...

Que horror – dizemos nós. Que interessante – contrasta o semita, contemporâneo à feitura do texto. É que dizer: «da mesma costela» – significa dizer de igual substância, melhor, de igual dignidade. A mulher e o homem são de igual dignidade. São do mesmo osso. São seres idênticos.

A partir daí, o autor da criação entra em amnésia. Esquece-se de dizer ao homem que ponha nome à criatura que lhe sai da costela. Verdade: à mulher, o homem não é chamado a dar-lhe nome, não pode pôr etiqueta, não é documento a catalogar em pasta já escolhida, dito melhor, não tem domínio sobre ela.

Que bonito o livro do Génesis, na sua linguagem metafórica, no ensino perene que, por detrás de imagens – quiçá ora pouco inteligíveis –, faz chegar até nós.

Mas ainda lá volto, e desafio a todos a verificarem o seguinte: enquanto Deus cria o céu, o sol, a lua, as estrelas, a terra, os mares, os rios, as árvores, as plantas, os animais ... o homem permanece espectador, mais ou menos activo. O relato criacional põe-no sempre em terceira pessoa. Ele gostou do que via, ele sabia-se criação especial de Deus, ele consciencializava-se do seu papel de rei da criação, de dominador sobre toda a natureza, de ser superior a sicômoros e a camelos, a rios e a estrelas... Mas o homem não se deixa comover. Não conhecemos palavra que – em discurso directo – tenha proferido.

Quando é que o homem, afinal, abre a boca, em palavras suas, coração finalmente inflamado, sentimento tangido pelo ardor de uma grande descoberta?! – quando vê a sua semelhante, a mulher, costela da sua costela.

Aí deixa de ser espectador. Aí acaba o discurso em terceira pessoa e entra o discurso directo, amplificado pelo micro do amor: «Esta é osso dos meus ossos, e carne da minha carne».

Acho que o homem, por instantes, esqueceu as árvores, o sol, a lua e as estrelas. Os olhos fixaram-se-lhe na amada, costela de costela, osso dos ossos e carne da carne.

É assim que desde muito cedo se traça o perfil do casal paradisíaco, afinal cimentado em três fortes componentes:

- Primeira, uma unidade incrível, alimentada pelo coração, pela paixão, pelo deslumbramento, pelo fascínio, pela força que do coração brota e o olhar encandeia;
- Segunda: uma igualdade substancial que não anula diferenças. Nem o Adão é Eva, nem a Eva é Adão. O que não leva à repelência. Antes, funciona como atractivo;
- Terceira: uma relação entre pares, entre iguais, onde ninguém põe o nome a ninguém, onde ninguém subjuga ninguém, onde ninguém escraviza ninguém.

2. O amor é pobre e generoso

Na sequência de tudo isto, proponho um segundo passo, para sublinhar que a prepotência, a arrogância, a vilania, a imposição sistemática da própria vontade, a auto-suficiência... tudo isso destrói a essência do amor, desse amor que em família se deve viver, sentir, partilhar, comunicar.

É que o amor, por essência, é pobre. Ou não é certo que só ama a sério quem, com verdade, diz: «Tu, para mim, és tudo, sem ti sou nada»?! Ou não é verdade que só ama a sério quem é capaz de sair de si, de se «esquecer», de se despojar, para se realizar no outro?! – O amor é, por essência, pobre!

No verdadeiro amor, desaparece o umbigo próprio, o egoísmo esfarela-se. Em causa está sempre e só o bem do outro. O outro é o nosso «tudo», o nosso tesouro, a riqueza que não mais queremos perder e nos faz sentir felizes.

Porque pobre, que o mesmo é dizer, sumamente generoso, o amor em casal pede o aparecimento de novos seres, quais frutos da entrega espiritual e física, da união profunda de alma que se explicita e exprime na entrega corporal.

Refiro-me à possível geração de filhos, testemunhos eloquentes do amor verdadeiro e generoso.

Colocando-me nesse estatuto de filho, não resisto à tentação de parafrasear o nosso poeta Sebastião da Gama, em *Pequeno Poema*. Escrevia ele:

*Quando eu nasci,
Ficou tudo como estava.*

*Nem homens cortaram veias,
nem o Sol escureceu,
nem houve Estrelas a mais...
Somente,
esquecida das dores
a minha Mãe sorriu e agradeceu.*

*Quando eu nasci,
não houve nada de novo
senão eu.*

*As nuvens não se espantaram,
Não enlouqueceu ninguém...*

*Pra que o dia fosse enorme
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos da minha Mãe...*

3. O amor é delicado

Perdoem-me se aproveito o embalo deste poema de Sebastião da Gama para introduzir uma forma de estar e de ser na vida que em família se deve aprender. Refiro-me à gentileza, à finura de trato, à doçura na relação – a não confundir com «meladice», frouxidão ou indolência.

Tantas vezes somos rudes nas palavras ou nas atitudes. Tão poucas vezes nos mostramos delicados, agradecidos. Quase sempre criticamos,

derrotamos. Quase nunca funcionamos para os outros como incentivo ou como o que em psicologia se chama de «reforço positivo».

Escudando-me nas palavras de um Papa...

«Contava certa ocasião João Paulo I que uma senhora tinha em casa quatro homens: o marido, um irmão e dois filhos maiores. Ela sozinha tinha que fazer as compras, lavar, passar a ferro, e cozinhar. Fazia tudo sozinha. Um domingo, ao regressar a casa, os homens encontraram a mesa posta, mas em cada prato havia um bocado de feno.

– Que é isto? Feno? – protestam eles. Ela disse-lhes: “Não está tudo correcto. Eu cozinho o que comeis. Limpo o que sujais. Faço tudo. Mas vós nunca me dizeis: “isto está bom”. Digam alguma coisa, que eu não sou de pedra” [...].»²

A delicadeza, a meiguice, a ternura, a afabilidade, a palavra que entusiasma, são coisas a aprender em família. E a viver no seio da própria família. Não são apenas produtos de exportação, como pensam os que em casa são «trombas» e na rua «mesuras». Em família se deve aprender e praticar. O resto vem por alastramento, por osmose, com naturalidade.

E talvez convenha não congelar sentimentos até à morte do familiar, para os descongelar, em choradeira fluente, quando as lágrimas já não aquecem a alma do defunto. Como sugeria A. Rabate, «Em vida, irmão, em vida».

Lembram-se desse texto?! – Rezava assim:

«Se quiseres fazer feliz a alguém a quem amas muito, diz-lho hoje, sê bom ... Em vida, irmão, em vida.

Se desejas dar uma flor, não esperes que morram, manda-a hoje com amor ... Em vida, irmão, em vida.

Se desejas dizer “gosto de ti” às pessoas de tua casa, e ao amigo próximo ou afastado... Em vida, irmão, em vida.

Não esperes que as pessoas morram, para lhes queres bem e fazer-lhes sentir o teu afecto... Em vida, irmão, em vida. Tu serás muito mais feliz, se aprenderes a fazer felizes a todos os que conheceres... Em vida, irmão, em vida.

Nunca visites panteões, nem enchas túmulos de flores, enche corações de amor... Em vida, irmão, em vida.»³

2. Manuel Sánchez MONGE – *Parábolas como setas*, Cucujães, Ed. Missões de Cucujães, 1994, p. 110.

3. Cit. por *ib.*, pp. 105-106.

4. Família, Escola de Sociabilidade

Os meus pais – felizmente – ainda estão vivos do lado de cá. Tenho por eles um carinho especial. Reconhecendo que são tão diferentes de mim... Têm outra mentalidade, outros critérios, outro modo de estar e de conduzir a existência.

Deram-me três irmãos. Com quem tantas vezes me arreliei. Com quem tive que partilhar espaços, engolir caprichos, suportar gozos, confrontar posturas e ideias...

Mas como imaginar umas férias sem eles, ou sem os pais? Como imaginar serões longos sem piadas, sem cruzamento de amigos, sem uns «joguitos», mesmo que eles se aliassem para propositadamente me fazerem perder, domando com o tempo e a persistência o meu pouco desportivismo?!

Desculpem-me a franqueza e a ousadia: é tão bom ter a quem atirar com uma almofada!... Até as marcas que trago nas canelas silenciam dores, para me falarem de folguedo, sensação de liberdade, companhia desportiva, exibição de habilidades, espaços de lazer e convívio.

E já não falo nos «trocós», para mim sobrinhos, rejuvenescimento para os avós, *babetes* para os pais.

A família. Onde todos fazem falta. Onde cada um faz falta. Onde cada um percebe que o outro faz falta. Onde todos cedemos de nós para que todos possamos estar e caber.

Chatice! Dou-me conta que personalizei o discurso. Desculpem!

Não sei se ainda consigo remediar o estrago, deixando-os com um conto, que me eclipsa, reforçando a mensagem que gostaria de transmitir:

«No centro de um grande bosque havia uma grande árvore, uma árvore magnífica para quantos a viam.

À sua sombra sentavam-se a descansar os viandantes e na sua ramagem construíam os pássaros os seus ninhos.

Mas, um dia, os ramos disseram:

– Vedes como somos importantes? Causamos a admiração de todos os que nos vêem e os pássaros estão contentes de viver em nós... Além disso, que colorido maravilhoso têm as nossas folhas! Que temos nós que ver com esse sujo e gordo tronco, tão feio e horrível, e menos ainda com essas pestilentas raízes que estão todo o dia debaixo da terra? E decidiram que desse dia em diante viveriam sós, sem precisar de ninguém.

Por seu lado, o tronco disse:

– Que seria da árvore sem mim? Sou eu que sustento os ramos e dou vigor a toda a árvore. Se eu não estivesse aqui, os ramos não teriam funda-

mento nem seiva que lhes desse colorido e vida... Sou, certamente, o mais forte e o mais importante.

- Nós, sim, é que somos importantes, disseram as raízes. A árvore não poderia subsistir sem nós que absorvemos da terra as substâncias com que produzimos o alimento que sustém o tronco e as folhas. Por isso, não temos nada que ver com esse tronco tão antipático e gordo, e menos ainda com essa rama tão presumida. Daqui em diante, alimentamo-nos sozinhas e não damos a nossa seiva a ninguém. E assim fizeram.

A árvore grande começou a secar. As folhas caíram e o tronco ficou sem uma gota de seiva. As raízes estavam mais tristes que nunca. Os pássaros abandonaram os ninhos construídos nos ramos e as pessoas que passavam pelo bosque já não se sentavam à sua sombra... Todo o bosque estava muito triste porque a grande árvore estava a morrer.

Mas, pouco a pouco, as raízes, os ramos e o tronco aperceberam-se de que não podiam viver separados, de que eram feitos uns para os outros e que a importância não era de cada um, mas da árvore que todos formavam... Assim, as raízes deixaram de guardar a seiva só para si e deram-na ao tronco. Este, a princípio, negava-se a participar, mas, por fim, também colaborou. Os ramos alegraram-se ao receber a primeira gota de seiva e pediram perdão ao tronco e às raízes por os terem desprezado. Tudo tornou a ser como antes. Os pássaros continuaram a fazer ninhos nos ramos, e as pessoas a sentar-se à sombra sob a sua copa frondosa.

A árvore estava de novo feliz e o bosque alegrava-se com ela.»⁴

Neste abrir de espaço para todos, nesta importância que todos temos, não posso deixar sem referência os avós, os idosos, os velhinhos.

Reconheço as dificuldades que tantas famílias conhecem. Sei que o amor ainda está vivo em tantas famílias, tornando dolorosas separações forçadas. Sei que tantos idosos exigem cuidados incompatíveis com os ordenados e com o corrúpio que o mundo actual impõe.

Mas para obviar a que alguma vez decisões se tomem por mero egoísmo ou comodismo, aqui deixo uma estória, da autoria de Robin S. Sharma:

«Era uma vez uma velhinha a quem tinha morrido o marido. Foi viver com seu filho, a esposa deste e uma filha. Dia após dia a idosa ia perdendo a vista e o ouvido. Às vezes as mãos tremiam-lhe tanto que lhe caíam as ervilhas ao chão e a sopa escorria-lhe do prato. Ao filho e à nora causava-lhes incómodo toda aquela desordem e um dia disseram "basta". Colocaram uma mesita num canto para que a velhinha comesse ali, sozinha. Ela olhava-os com lágrimas nos olhos, desde a outra ponta da sala de jantar,

4. *Ib.*, pp. 70-71.

mas eles quase não lhe falavam durante as refeições, salvo para lhe ralhar porque deixava cair o garfo ou a colher. Uma tarde, antes do jantar, a miúda estava sentada no chão brincando com um bloco de construções. "Que estás a fazer?", perguntou-lhe o pai. "Estou a construir uma mesa para ti e para a mamã.", disse a criança. "Assim, quando for maior, podereis comer sós num canto da sala". O pai e a mãe guardaram silêncio durante um instante. E logo começaram a chorar. [...] Naquela noite colocaram de novo a velhinha no seu sítio, à mesa com todos, na sala de jantar [...].»⁵

5. Aprender a respeitar

Esta última estória – altamente sugestiva – dá-me ensejo para pedir às famílias que eduquem os mais novos no respeito pelos mais velhos, sejam estes os próprios pais, os professores, outros educadores, ou os adultos em geral.

Não sei que estranha moda leva alguns pais a ufanarem-se de serem, não propriamente pais, mas os grandes confidentes e amigos dos filhos. Como se ser amigo(a) fosse mais que ser pai ou mãe; como se para a humanidade fosse uma benção a proliferação de órfãos... de pais vivos. Alguns pais, do género pudim *molotov*, vão ainda mais longe, aplicando aos filhos os dois primeiros postulados do regulamento do chefe, a saber: 1.º) os filhos têm sempre razão; 2.º) quando os filhos não têm razão, entra em vigor o art. 1.º que diz: «os filhos têm sempre razão».

Ainda há pouco tempo lia com espanto a notícia de uma aluna apanhada a roubar, dentro de uma instituição académica bracarense. Resolveu chamar a mãe que, por sua vez, compareceu acompanhada de um advogado. Os alunos que detectaram a ladra foram insultados e ameaçados pela mãe da menina, pelo que a polícia teve de intervir⁶.

Gostei muito de ler – também há pouco tempo – um artigo da autoria de Abílio Peixoto, sobre a, por vezes complicada, relação entre os pais dos alunos e os professores. Constatando a existência de alunos rebeldes, violentos, malcriados, dizia de sua experiência o mencionado articulista:

«[...] sempre que a tais alunos os profissionais da educação aplicam alguma sanção de índole pedagógica, raros são os progenitores que de

5. Robin S. SHARMA – *El monje que vendió su Ferrari*, Barcelona, Plaza & Janés Editores, 1998, pp. 190-191.

6. Cf. «Diário do Minho», de 11.05.01, p. 7.

imediatamente não se deslocam à escola para manifestarem a sua indignação pela aplicação da medida correctiva. E muitos deles chegam ao ponto de transformar essa indignação em palavras de ameaça (umas vezes velada, outras de forma mais explícita) ao professor ou professora que "ousou" tratar com firmeza e coerência uma atitude menos cívica do estudante molestado.

Perante tais comportamentos paternos, não só os docentes se inibem, frequentemente, de actuar de uma maneira firme e correctiva [...], como também os filhos prevaricadores ganham asas para novos atropelos ao civismo e à boa-educação, cientes de que, quem ousar corrigi-los, terá de haver-se com a cólera paterna!»

Na mesma linha se move António Muñoz Molina, quando escreve – porventura generalizando:

«Os pais não se importam com a educação dos seus rebentos, mas irritam-se contra quem os quer educar. Molestam os que pretendem corrigi-los na linguagem, nas atitudes, nos raciocínios, nas posturas, nos comportamentos.»

Há quem diga que isto está a mudar. Estaremos a caminho do equilíbrio: a educação tirana recebida por muitos de nós, adultos, pejada de ditaduras, ameaças e punições, terá dado lugar ao "proibido proibir", à ausência de regras, à imprevisibilidade. Agora – lê-se num artigo de Ana Margarida de Carvalho, publicado na Revista *Visão*⁷, sob o título «Os pais também se educam» – agora, dizíamos,

«Chegou-se, enfim, ao meio termo – o estilo democrático: aquele que, segundo os psicólogos, é o mais eficaz mas também o mais difícil de gerir. Os detentores do poder, a mãe e o pai, partilham-no com os filhos que se sentem donos de muitos deveres, mas também de muitos direitos. Não há ambiguidades, são os mais velhos que comandam as operações, mas com suficiente flexibilidade para acatar opiniões.»

Enquanto o equilíbrio é miragem, a mesma Ana Margarida de Carvalho vai escrevendo⁸:

«Quando a autoridade desaparece, as aulas convertem-se numa guerra de nervos, os recreios em ringues de boxe e a indisciplina degenera

7. N.º 376 (2000), pp. 92-100

8. Revista *Visão*, n.º 378, *Lições perigosas*, 94.

em violência – pura e dura. Os casos de professores ameaçados, intimidados e agredidos estão a aumentar.»

E Daniel Sampaio, conhecido psiquiatra, pediu, aqui em Braga, aos professores uma aposta na «construção da disciplina». Criticou o actual estatuto disciplinar que, segundo ele, «diminui a relação hierárquica entre alunos e docentes, diminuindo a autoridade que estes devem ter»⁹.

O respeito pelos adultos, pais, professores, educadores. A não demissão destes. Não constituindo isto um atentado à igualdade fundamental, mas significando antes reconhecimento da missão que cabe a cada um. O carro só anda se o motor for motor, e se as rodas forem rodas. Sem tiranias. Mas com a necessária distinção. E com a devida firmeza.

6. Por algo que valha a pena

No livro de Susanna Tamaro, *Vai Aonde Te Leva o Coração*¹⁰, três frases me chocaram particularmente. Todas elas, ao menos na implícita, apontam para a necessidade de gastarmos a vida por algo de valioso, de heróico, de meritório, valendo o mesmo para os nossos educandos.

A primeira das frases é esta: «[...] a vida não é uma corrida, mas um tiro ao alvo: o que conta não é a poupança de tempo, mas a capacidade de se descobrir um centro»¹¹. A segunda fala-nos da família da autora: «[...] quando penso na vida da minha mãe, na vida da minha avó, quando penso em tantas vidas de pessoas que conheço, vem-me à ideia esta imagem – foguetes que implodem em vez de subirem»¹². E a derradeira frase é uma referência pessoal: «[...] o meu destino era o destino cruel da normalidade»¹³.

Quantas vezes as metas que nos apontamos e que apontamos aos outros são rasteiras: mais uma viatura ou uma viatura nova, uma tijoleira diferente, as botas da moda, a cor que se usa, o restaurante que é frequentado pelos mais *in*... Quase sempre coisas e mais coisas, matéria e mais matéria, dinheiro e mais dinheiro, fachada e mais fachada.

9. Cf. «Diário do Minho», de 21.03.01, p. 7.

10. Lisboa, Editorial Presença. 19.ª ed., 2000.

11. *Ib.*, p. 19.

12. *Ib.*, p. 31.

13. *Ib.*, p. 45.

E às vezes a doença pega-se de tal forma que já se acredita que o amor aos educandos se conquista ou demonstra nos embrulhos e laçarotes, tantas vezes substitutos do tempo e dedicação efectiva que se lhes sonega.

Assim se vai espalhando, diria Lipovetsky, a era do vazio. Assim vamos construindo – acrescentaria Enrique Rojas – o homem *light*, na sequência do que já se fez com o tabaco, com algumas bebidas e com alguns alimentos.

Este homem *light* – conforme o descreve Rojas – é trivial, fútil, vão. Tudo nele se torna etéreo, volátil, banal, permissivo. Vive no materialismo, no hedonismo, no relativismo, no consumismo. Vive sem finalidade e sem programa. O seu pensamento é débil, as suas convicções não têm firmeza, revela apatia nos seus compromissos. Tem por norma de conduta o hábito social, o que se tolera, o que se usa. É frio. Perdeu os pontos de mira, encontrando-se agora desorientado ante as grandes interrogações da existência.

Um homem assim – conclui Rojas – não deixará marcas. Será sempre um acordeão de experiências apáticas. E mais cedo ou mais tarde, ficará órfão de humanidade.

Quase me apetecia parar aqui. Para me ver ao espelho. Para me perguntar: que valores tenho cultivado e transmitido?! Como perspectiva a minha vida, com que centro, com que endereço, o que é que me move, que objectivos me fixo, que persistência e fidelidade emprego para os atingir?!

Perante o espectáculo de tantos suicídios, de tantas rupturas conjugais, de tanta sida, de tanta droga, de tanta violência, de tantas violações, de tanta guerra... quem tem falhado?! – a família, a escola, eu, nós, todos...?!

Ao concluir esta alusão a uma educação para os valores, permitam-me deixe três indicações. Primeira, é importante que projectemos, que programemos bem a nossa vida e que idealizemos bem o que pretendemos transmitir aos nossos educandos (tratando-se da família, o que é que quer transmitir aos filhos). É que... quem fracassa na programação, programa o fracasso.

Segunda, quando se estica para agarrar ideais, o homem cresce e até se agiganta; quando a meta é irrisória, limita-se a rastejar.

Terceira e última: Deus não nos quis de gelatina, mas com coluna vertebral.

7. A dimensão estética

Ao exacerbo da dimensão material, acima referida, ousou contrapor a contemplação estética.

Nos dias de hoje corremos, corremos muito. Tudo são agendas, telefone, telemóvel, expressos, compromissos, reuniões, assuntos a tratar... A bica toma-se ao balcão, a comida já vem feita, o *e-mail* e o *fax* são pontífices, ou seja, as (novas) pontes...

Só que o melhor frango ainda continua a ser aquele que se come à dentada, no piquenique, «rabito» e cotovelos a queixarem-se porque quer o banco, quer a mesa, são de pedra, ladeados de uma relva fresca, onde pais e filhos se rebolam, estes últimos convencidos que se o *Jardel* os visse se sentiria anão.

Sou fã do *Princepezinho* de Saint-Exupéry, sobretudo quando ele acusa: «Vocês, adultos, só pensam em números. Quando o vosso filho conhece um amigo, o que é que lhe perguntais?! – “o que faz o pai dele?”, “quantas casas tem?”; e nunca inquiris: “O teu amigo faz colecção de borboletas?”, “tem os olhos azuis?”, “gosta do amarelo?!”».

Tempo para o mais elementar dos deveres – sentar-se «cara-a-cara-com»!; tempo para conviver, dialogar, partilhar alegrias e tristezas, anseios e frustrações, quimeras e durezas; tempo para o céu, para as estrelas, para o mar, para o monte ou a floresta... hoje..., quase ninguém tem.

Olhando-nos, Deus até se deve sentir incomodado por ter feito um *break* ao sétimo dia. Deve sentir-se preguiçoso, face à nossa diligência e eficácia e produtividade e rapidez e produção e rentabilidade e celeridade...

Está normalmente mal traduzido o refrão que no Livro do Génesis – perdoem-me se o volto a evocar – aparece como «Deus viu que tudo era bom», qual abertura de parágrafo na narrativa dos vários dias da criação.

Na verdade, o que em hebraico se diz é: «Deus viu que tudo era belo». Ao contrário do que connosco normalmente sucede, Deus encontrou tempo para se maravilhar, para se extasiar, para contemplar a criação, para repousar...

Vejo as famílias preocupadas com o colégio, com o *ballet*, com o inglês, com as aulas de computador, com as aulas de dança, com a formação musical, com a prisão segura dos miúdos enquanto dura a prisão profissional dos pais. Mas gostaria também de ver os pais preocupados com os croquetes a colocar na marmita, com as pedras a servi-

rem de baliza e com o fim-de-semana que serve de fio-de-terra e põe «a escrita em dia», com os filhos, com o marido, com a esposa...

8. O sentido da transcendência

Um passo ainda, antes de concluir. De quanto disse, resulta claro que sou um homem crente. E agradeço a Deus esse dom da fé.

Pela minha ligação à transcendência, vejo nos funerais uma dobradiça para a Vida, e não me desespero. Da dor, tento fazer oblação a Deus por quem precisa. Pela minha ligação à transcendência, respeito a vida, em qualquer uma das suas etapas. Pela minha ligação à transcendência, ouço, acolho e tento ajudar os desprotegidos, os deserdados, os que precisam de alguma coisa. Pela minha ligação à transcendência, tento ser escuta, atenção, desaguadouro de revoltas, contentor de desabafos, pêndulo em desavenças. Pela minha ligação à transcendência, tenho a humanidade inteira comigo, quando rezo... Pela minha ligação à transcendência tenho conseguido superar contrariedades, momentos de prova, períodos difíceis ou até dramáticos.

Não existisse Deus e o meu coração seria um detonador, embrulhado em arame farpado. Perdoar a quem me tem ofendido, a quem me mairrata, a quem me critica?! Sorrir a quem me maldiz?! Esquecer indelicadezas?! Colaborar, sabendo que exultariam com a minha queda?! Perdoar a inimigos?! Investir em quem a sociedade crucifica, suportando o odioso que isso tantas vezes acarreta?!...

As maiores alegrias da minha vida passam também por esta referência a Deus. Sou feliz cada vez que, tendo alguém entrado na minha porta de semblante carregado, saiu dela com paz no rosto. Quando participo nas festas dos outros ou semeio conforto nas suas cruzes. Quando espalho sorrisos, poesia e música na aridez das máquinas calculadoras ou nas pautas da solidão e do abandono.

Por isso me entristecem as famílias que criam filhos – desculpem a dureza da palavra – em trombose. Preocupam-se com o seu desenvolvimento físico e intelectual (– nada contra isso!), mas não investem na formação espiritual. Preocupam-se com as roupas e livros (– de novo nada contra isso!), mas esquecem o espírito. E uma vida sem alma, sem espírito, sem afectos ordenados, sem sentimentos nobres, sem causas superiores... é uma grande sensaboria.

Não façamos dos nosso educandos uns terráqueos de asas partidas. Afinal, educar não significa «tirar para fora», fazer desabrochar, elevar?!

Conclusão

«Tive sonhos e tive pesadelos. Superei os meus pesadelos graças aos meus sonhos» – escrevia Jonas Salk. E, de facto, assim é. Os pesadelos existem. Mas vencem-se com os sonhos.

Por isso cá me têm, poeta como sempre, a sonhar com uma família alicerçada no amor, consciente da igual dignidade de cada um dos seus membros, respeitadora das diferenças.

Cá me têm, a sonhar com um amor pobre, isto é, sumamente generoso. À boa moda chinesa, acredito que a mão que dá rosas, conserva sempre um pouco da fragrância. E acredito que quando trabalhamos para melhorar a vida dos outros, estamos a elevar a nossa.

Cá me têm, a sonhar com uma família que ensina a partilha, a partilha, a verdadeira democracia, o respeito por todos.

Cá me têm, a sonhar com uma família onde todos cabem, novos, adultos, ou idosos. E perdoem-me se, a este propósito, relembro Susanna Tamaro, quando ela, no seu livro já citado: *Vai Aonde Te Leva o Coração*, escreve:

«Órfã? É assim que se diz quando morre uma avó? Não tenho a certeza. Se calhar, os avós são considerados tão acessórios que não exigem um termo que especifique a sua perda. Dos avós não se é órfão nem viúvo. De uma forma natural, deixam-nos pelo caminho, como por distração se deixam ficar, pelo caminho, os guarda-chuvas.»

Cá me têm, a sonhar com o que vale a pena, com o que é nobre, com o que dá sabor à existência, com o que é belo, com o que nos eleva acima de qualquer outra criatura: a nossa vertente espiritual.

Termino mesmo, com um pensamento de Almada Negreiros: «Quando eu nasci, as palavras que deviam salvar a humanidade estavam ditas, só faltava uma coisa, salvar a humanidade».